

A TRADUÇÃO DOS LIVROS INFANTIS ESCRITOS POR MIA COUTO

BA Eindwerkstuk

Portugese Taal en Cultuur – DMT – UU

Stella Borst

3401308

Mw. Drs. M.L. Meijer-Quinta Martins

Juli 2011

ÍNDICE

Introdução	2
1. Lawrence Venuti e A Invisibilidade do Tradutor	4
2. Gideon Toury e A Teoria de Aceitabilidade e Adequação	8
3. Andrew Chesterman e as Estratégias de Tradução	10
4. Uma Análise dos Livros <i>O Beijo da Palavrinha</i> e <i>A Chuva Pasmada</i> por meio das Estratégias de Andrew Chesterman	13
4.1 Soluções Sintáticas	13
4.2 Soluções Sintáticas e Semânticas	14
4.3 Soluções Semânticas	18
4.4 Soluções Semânticas e Pragmáticas	24
4.5 Soluções Pragmáticas	26
Conclusão	31
Bibliografia	33
Nederlandstalige samenvatting / Resumo em holandês	34
Anexo	

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar e apresentar os problemas que se pode encontrar na área de tradução da literatura infantil. As duas línguas centrais nesta análise são a língua holandesa e a língua portuguesa; é questão de uma tradução interlingual. Neste caso a língua portuguesa serve como língua-fonte e a língua holandesa como língua-alvo.

Escolhi este tema porque o campo de tradução me interessa muito. Além disso, este trabalho não é só o fim da licenciatura, é ao mesmo tempo um começo do mestrado em tradução.

Como já disse acima, não se escreve sobre a tradução dos livros infantis em geral, mas especialmente sobre a tradução dos livros infantis de Mia Couto e não é por acaso.

Mia Couto (1955, Moçambique) é conhecido por uma linguagem rica e o desenvolvimento – e uso – dos neologismos; tanto na sua literatura para adultos como na sua literatura infantil. Além disso é mais fácil apontar diferenças culturais entre a cultura holandesa e uma cultura africana, mais como por exemplo entre a cultura holandesa e a cultura portuguesa; ambas europeias. Tradução não é só o transformar de uma língua para a outra, é também uma questão cultural. Desenvolver uma certa teoria será um maior desafio porque não há traduções dos seus livros infantis em holandês, que posso usar para testar a teoria desenvolvida.

Por meio de esta tese, queria mostrar que traduzir livros infantis é mais complicado do que muitas pessoas pensam. Traduzir pede de um tradutor mais do que uma boa compreensão de duas ou mais línguas, também tem de possuir competências como familiarizar-se com um público-alvo, compreender diferenças culturais, mas o tradutor também tem de vigiar aspetos estéticos num texto.

A tradução dos textos infantis é também difícil por causa das inúmeras escolhas preliminares que são oferecidas ao tradutor, como a posição que a literatura infantil ocupa dentro do Polissistema.*

*O polissistema não será tratado em pormenor. O polissistema é um sistema desenvolvido por Itamar Even-Zohar e divide os vários tipos de literatura em níveis. Neste sistema, a literatura infantil ocupa uma posição inferior à literatura para adultos. Isto dá mais liberdades para a tradutor quanto à tradução. (Munday, p. 108)

'Unlike contemporary translators of adult books, the translator of children's literature can permit himself great liberties regarding the text, as a result of the peripheral position of children's literature within the literary polysystem. That is, the translator is permitted to manipulate the text in various ways by changing, enlarging or abridging it or by deleting or adding to it.' (Shavit, 1986, p. 112)

Embora se vá tratar algumas teorias de tradução da literatura em geral, é preferível ligar essas teorias à literatura infantil, e em particular, aos livros infantis *O Beijo da Palavrinha* e *A Chuva Pasmada* de Mia Couto.

Espera-se que no fim seja possível tirar uma conclusão coerente, baseada em várias teorias e também que seja possível mostrar como funcionam estas teorias na prática, por meio de uma análise dos problemas que se formam antes e durante a tradução.

Apresenta-se tudo isso passo a passo, através das seguintes 3 sub-questões:

- 1) Como podemos ligar a invisibilidade do tradutor à literatura infantil?
- 2) Como podemos ligar o conceito de normas à invisibilidade do tradutor e à literatura infantil?
- 3) Quais são as possíveis estratégias de tradução que podem ser aplicadas aos livros infantis de Mia Couto?

As respostas destas 3 sub-questões têm de levar a uma conclusão coerente e a uma resposta à questão principal: Qual é o melhor método para traduzir um livro infantil de Mia Couto?

1: Lawrence Venuti e a Invisibilidade do Tradutor

A primeira teoria a ser discutida no âmbito de tradução, é a teoria iniciada por Lawrence Venuti. Esta teoria é melhor conhecida como a teoria de invisibilidade.

No seu livro *Introducing Translation Studies*, Jeremy Munday define a teoria de invisibilidade da seguinte maneira:

'Invisibility is a term used by Venuti 'to describe the translator's situation and activity in contemporary Anglo-American culture'. Venuti sees this invisibility as typically being produced:

(1) By the way translators themselves tend to translate 'fluently' into English, to produce an idiomatic an 'readable' TT, thus creating an 'illusion of transparency' ;*

(2) By the way the translated texts are typically read in the target culture.'

(Munday, p. 144) * TT é o Target Text, ou texto-alvo.

Por outras palavras, o texto traduzido tem de parecer o texto original, sem intermediação do tradutor. O tradutor é então invisível quando o leitor não nota que está a ler um texto traduzido.

(...) giving the appearance that it reflects the foreign writer's personality or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the 'original'. (Munday, p. 144)

Venuti utiliza duas noções, para indicar duas estratégias de tradução divergentes. Essas estratégias são as seguintes:

Domesticação (*domestication*) e estrangeirização (*foreignization*).

É muito importante definir o que se entende exatamente por domesticação e estrangeirização. Venuti fala de *'an ethnocentric reduction of the foreign text to [Anglo-American] target-language cultural values'*, quando se fala da domesticação. (Munday, p. 144)

O texto-fonte (TF) é, através da tradução, ajustado para ser aceite no país onde se fala a língua do texto-alvo (TA). Portanto, quanto às estratégias do Venuti, não se fala só de um ajustamento linguístico, é também um ajustamento cultural. No caso da domesticação, a mudança do texto-fonte para o texto-alvo é por conseguinte também uma mudança da cultura-fonte para a cultura-alvo.

Por meio de estrangeirização, por outro lado, o tradutor fica com os aspetos estrangeiros do TF. “*foreignization, on the other hand, ‘entails choosing a foreign text and developing a translation method along lines which are excluded by dominant culture values in the target language’.*” disse Venuti. (Munday, p. 145)

A estratégia de estrangeirização, também chamada *alienação*, confronta o leitor de TA com elementos estranhos, resultando numa presença óbvia do tradutor, que desempenha o papel de um mediador. É obvio que o texto não é um texto original, escrito por alguém da mesma cultura. Ao contrário da estrangeirização, a estratégia de domesticação também adapta o texto às diferenças culturais, portanto, esta estratégia faz que o leitor veja o texto traduzido como o texto original; o tradutor não está presente durante a sessão de leitura. Isto é o núcleo fundamental da teoria de invisibilidade de Venuti. O tradutor é então invisível quando se aplica a estratégia de domesticação e é visível quando se aplica a estratégia de estrangeirização.

Embora a teoria seja muito interessante e ofereça matéria suficiente para discutir, Venuti não foi o primeiro a fazer essa distinção. Venuti foi influenciado por Friedrich Schleiermacher, que fez uma distinção equivalente:

‘ Either the translator leaves the writer in peace as much as possible and moves the reader toward him, or he leaves the reader in peace as much as possible and moves the writer toward him.’ (Munday, p. 29)

Essa distinção, feita por Schleiermacher, é comparável à distinção feita por Venuti. A primeira opção de Schleiermacher, ‘deixar o escritor em paz e mover o leitor do TA ao escritor’, é comparável à estratégia de estrangeirização de Venuti. A segunda opção de Schleiermacher, ‘deixar o leitor do TA em paz e mover o escritor ao leitor’, é por sua vez comparável à estratégia de domesticação de Venuti.

Os dois cientistas preferem a mesma estratégia. Schleiermacher prefere a opção onde o tradutor deixa o escritor em paz e move o leitor do TA ao escritor. Venuti, prefere a sua estratégia de estrangeirização, onde o tradutor usa a mesma estratégia que Schleiermacher. Mas, ao mesmo tempo, também admite que a aplicação da teoria de estrangeirização pode trazer contradições na tradução e que há sempre a possibilidade da presença da domesticação. (Munday, p. 145)

Isto foi só uma teoria geral, aplicada principalmente aos textos em geral. Mas, como esta tese é baseada na tradução de literatura infantil, queria analisar a relação entre a teoria de Venuti e a literatura infantil.

No livro ‘ *Translating Children’s Literature* ’, Riitta Oittinen diz o seguinte sobre Venuti e a literatura infantil:

‘As for translating children’s literature, however, domestication and foreignization are very delicate issues. Several scholars disapprove of domestication as a method denaturalizing and pedagogizing children’s literature’. As crianças têm de saber o que é um aspeto estrangeiro num texto e têm de aceitar diferenças.

Mas: *‘(...) the child reader may very well be unwilling to read the translated text, finding it too strange – and how will this influence the child’s future reading habits and what then is the whole point of translating the story?’* (van Coillie, p. 43)

A partir de este ponto de vista, depende do tradutor mesmo se ele ou ela aplica estrangeirização ou domesticação.

A pergunta que surge imediatamente é a seguinte: Qual é o objetivo mais importante do escritor de contos infantis? Será que o tradutor tem um objetivo informativo ou será que aprendizagem cultural e linguística é mais importante?

Talvez seja mais evidente escolher a estratégia de domesticação, quando o tradutor acha o aspeto informativo mais importante.

Além disso observa-se que a norma para traduzir um livro infantil é de fato domesticação, e que não depende do conto se o tradutor aplica esta estratégia ou não, embora cada livro infantil seja diferente. A estratégia é então a mesma, mas a abordagem será totalmente diferente. Essa abordagem tem a ver com as línguas implicadas na tradução.

Zohar Shavit dá mais certeza e esclarecimento quanto à essa questão no seu livro *Poetics of Children’s Literature*:

‘(...) Nowadays, the emphasis differs; although to a certain degree the first principle still dictates the character of the translations, the second principle, that of adjusting the text to the child’s level of comprehension, is more dominant.’ (p.113)

O nível, mencionado por Shavit, depende da idade da criança, do público-alvo. É claro que uma criança de 10 anos compreende muito mais do que uma criança de 6 anos. *O Beijo da Palavrinha*, por exemplo é escrito por um público-alvo do 4º ano, verificado pelo Plano

Nacional de Leitura. O tradutor pode, e terá de, adaptar as suas estratégias de tradução ao nível de compreensão da criança.

Depois, Shavit usa o polissistema de Even-Zohar para, por assim dizer, excluir a estrangeirização:

“Translation of children’s literature tends to relate the text to existing models in the target system. This phenomenon, known from general translational procedures (...), is particularly prominent in the translation of children’s literature because of the system’s tendency to accept only the conventional and the well known.” (1986, p. 115)

Mais uma observação que é muito importante, quanto à diferença entre a tradução dos livros para adultos e a tradução dos livros infantis, é de Jan van Coillie:

“The age of the target group can also play a role when it comes to deciding whether to keep foreign elements.” (Van Coillie, p. 135)

Por outras palavras: um adulto ou um adolescente provavelmente não terá nenhuma dificuldade em compreender conceitos estranho. (*estranhos* quer dizer: de um outro local.) Aceitam esses aspetos e não os acham ser importunos. Crianças, em contrapartida, precisam de certos modelos para compreenderem o texto. Isto então pode ser uma crítica à opinião de Venuti; como é possível que cada público-alvo e cada pessoa – de qualquer idade – precisa da mesma estratégia de tradução? Porquê não distinguiu literatura infantil da literatura para adultos quando esses dois grupos são muito diferentes – em pensar e em compreensão? Uma explicação é que o ponto de vista quanto à literatura infantil ainda está em desenvolvimento. Por muito tempo, a literatura infantil era um tipo de literatura menos reconhecida e por isso ainda está em estado primitivo. Hoje em dia, a literatura infantil já não é menos reconhecido aos outros tipos de literatura.

Mia Couto dirige-se a um público-alvo infantil e juvenil com *A Chuva Pasmada* e *O Beijo da Palavrinha*, os dois títulos que se usa para uma análise, como adiante veremos. A teoria de Venuti é então perfeitamente aplicável a esses livros.

A conclusão de esta sub-questão é que, embora haja opiniões diferentes, o tradutor dos contos infantis terá de usar a estratégia de domesticação. A maneira de pensar das crianças difere muito da maneira de pensar dos adultos e por isso é necessário aplicar outras estratégias. Portanto, daqui em diante, escolha-se também na tradução dos livros de Mia Couto, a estratégia de domesticação.

2: Gideon Toury e a Teoria de Aceitabilidade e Adequação

Um dos conceitos que correspondem perfeitamente à teoria do Venuti, é o conceito de normas, desenvolvido por Gideon Toury.

Primeiro, é importante definir o que se entende por normas. Toury define normas da seguinte maneira:

“ the translation of general values or ideas shared by a community – as to what is right or wrong, adequate or inadequate – to performance instructions appropriate for and applicable to particular situations.” (Munday, p. 111)

Normas são então idéias e valores que se representam numa certa cultura. De acordo com Toury, as normas da cultura em questão também servem como critérios de avaliação do comportamento dentro da comunidade. (Naaijken, p. 322)

Portanto, a noção das normas pode ser visto principalmente como um fenómeno sociocultural. *“For Toury (...) translations first and foremost occupy a position in the social and literary systems of the target culture, and this position determines the translation strategies that are employed.”* (Munday, p. 110)

O tradutor tem de ajustar o TF até que se forme um TA que é aceitável na cultura desse público-alvo. Isto é, se o tradutor escolhe a domesticação como estratégia adequada.

Quando o tradutor escolhe a estratégia de estrangeirização, aplica então as normas da cultura do TF. Esta escolha, feita no início da tradução, é chamada a norma inicial. Um TA que aplica as normas da cultura do público-alvo, é chamado aceitável. Se o tradutor mantém as normas da cultura do TF, o TA será adequado. (Munday, p. 112)

Zohar Shavit afirma mais uma vez, por outras palavras, a importância das normas e a ligação a estas normas no seu artigo *‘Translation of children’s literature as a function of its position in the literary polysystem’*:

“Translations of children’s literature tend to attach the text to existing models in the target literature. (...) If the model of the original text does not exist in the target system, the text is changed by deleting such elements in order to adjust it to the model which absorbs it in the target literature.” (1981, p.172)

A noção de aceitabilidade parece ser um requisito quanto à tradução dos livros infantis, porque, como já vimos no capítulo anterior, um texto tem de ser adaptado ao nível de compreensão da criança.

Especialmente na tradução de Mia Couto é importante ter esta noção em mente. Mais adiante nesta tese investiga-se as dificuldades causadas pelas diferenças culturais e linguísticas entre Moçambique e Holanda. Mia Couto é conhecido pela sua linguagem rica e o desenvolvimento – e uso – dos neologismos. Cria então não só um conto ou livro, mas também cria, por assim dizer, um jogo de língua. Além disso, a cultura moçambicana está sempre presente; uma cultura e sociedade que difere muito da cultura e sociedade holandesa; crianças africanas crescem com outras imagens e conceitos de comida, de clima, de paisagem, de hábitos, de religião e muito mais. Há por isso dois aspetos que o tradutor tem de observar antes da fase de tradução.

Mia Couto também escreve literatura para adultos, mas a abordagem de traduzir livros para adultos difere muito da tradução dos livros para crianças. Na primeira sub-questão conclui-se que a domesticação é a melhor escolha preliminar para traduzir um texto infantil. Toury também menciona outras normas, a saber: Normas preliminares e normas operacionais. Normas preliminares têm a ver com por exemplo *directness of translation*; normas operacionais têm a ver com a matriz do texto e a distribuição da informação. (Munday, p. 112)

“The preliminary decisions made by a translator before producing a translation – his or her general translation strategy that positions his or her on issues such as, for instance, the need or desirability of domesticating or foreignizing translation strategies, the social and educational norms of the source culture versus the interests of the young reader – may conflict with choices that have to be made in a particular text.” (van Coillie, p. 111)

Esta ideia das normas de tradução faz parte do Descriptive Translation Studies (DTS), o qual consiste em três fases: situar o texto na cultura-alvo e a aceitabilidade (1), comparar as mudanças ou *shifts* entre o TF e o TA (2) e generalizar o método de tradução entre as duas línguas em questão (3). (Munday, p. 111)

A resposta à segunda sub-questão - Como podemos ligar o conceito de normas à invisibilidade do tradutor e à literatura infantil? - é a seguinte: na primeira sub-questão conclui-se que a domesticação é o método preferido para traduzir textos infantis. Considerando estas normas, então são normas que correspondem com a cultura do TA. Neste caso, o tradutor tem de seguir as normas da cultura holandesa (e então mudar as normas africanas do TF) para criar domesticação. O tradutor fica invisível, usando esta estratégia.

3: Andrew Chesterman e as Estratégias de Tradução

Na primeira sub-questão, ficou claro que a estratégia de domesticação é de fato a melhor estratégia para traduzir um livro infantil. Infelizmente, é mais fácil dizer do que fazer.

Ao longo dos anos, inúmeras estratégias têm sido desenvolvidas. No entanto, queria indicar uma grande diferença entre as estratégias de Venuti e Schleiermacher e as estratégias que se apresenta aqui em baixo.

As estratégias da estrangeirização e da domesticação, são escolhas preliminares na fase inicial e têm influência sobre as escolhas que seguem. As seguintes estratégias resultam da escolha entre domesticação e estrangeirização e são principalmente maneiras para ajustar o TF na área sintática, semântica e pragmática. É a classificação, feita por Andrew Chesterman, que abrange 3 níveis. Os 3 níveis podem ser classificados por sua vez também.

Para esta sub-questão queria tratar principalmente o ponto de vista de Andrew Chesterman, mas, quando for necessário, também se trata a opinião de outros cientistas.

Andrew Chesterman, como já disse, fez a distinção entre adaptações sintáticas, semânticas e pragmáticas. Enumera-se cada opção para criar uma idéia total, mas as estratégias aplicáveis serão aprofundadas na análise dos dois livros.

No seu artigo, traduzido por Ans van Kersbergen em *Denken over vertalen*, Chesterman trata cada estratégia em pormenor, mas porque Chesterman menciona 30 estratégias no seu artigo, apresenta-se essas estratégias por menos palavras por meio de uma tabela. Esta tabela é então um sumário do texto no livro *Denken over vertalen* (p. 153 – 172) e é parcialmente traduzido de holandês para português.

Estratégias sintáticas	Explicação
Tradução literal	Manter o texto original, adaptar só quando for preciso.
Empréstimo, ou calque	Emprestar palavras da LF, ou elementos da LF. Pode levar à formação dos neologismos
Transposição	Mudança das classes gramaticais
Deslocamento	Deslocamento de unidades, como morfemas, palavras, constituintes, frases etc.
Mudança estrutural da frase	Mudanças na área do número, da pessoa, do tempo e da modalidade.
Mudança estrutural da oração	Mudança na estrutura da frase, e mudanças como de verbos transitivos para verbos intransitivos e vice versa.
Mudança estrutural de período	Mudanças como a da oração principal para oração subordinada e vice versa.
Mudança de coesão	Mudança nas referências numa frase, como substituintes, pronomes e repetição.
Deslocamento de nível	Uma expressão muda de nível, por exemplo de fonologia para morfologia, sintaxe ou léxico.
Mudança de esquema	Mudanças quanto às questões como aliteração, repetição e métrica.
Estratégias semânticas	Explicação
Sinonímia	Usar outras palavras, para evitar repetição.
Antonímia	Usar uma antonímia em combinação com uma negação.
Hiponímia	Mudança dentro da relação da hiponomia, de hiperonímia para hiponímia ou vice versa.
Conversão	Um par de palavras, descrevendo a mesma situação, mas de uma maneira diferente.
Mudança de abstração	Concretização do texto original por adição, ou abstração por omissão.
Mudança de distribuição	Usar mais unidades lexicais (extensão) ou usar menos unidades lexicais (redução).
Mudança de ênfase	Fortalecer ou reduzir a ênfase
Paráfrase	Causa uma tradução livre. É o omitir dos elementos.
Mudança de tropos	Um tropo é uma metáfora, portanto, é uma mudança estilística.
Outras mudanças semânticas	Mudanças de significação ou sentido por exemplo.

Estratégias pragmáticas	Explicação
Filtragem cultural	Domesticação; elementos específicos da cultura fonte são substituídos por elementos específicos da cultura alvo.
Mudança de nível de explicitação	Adicionar palavras ao texto-alvo, quando está implícito no texto-fonte. Implicação é o contrário.
Mudança de informação	Adicionar informação relevante, ou suprimir informação supérflua para o leitor do texto-alvo.
Mudança interpessoal	Abrange várias adaptações que mudam a relação entre o escritor e o leitor. (ao nível de formalidade etc.)
Mudança de elocução	Usar um ponto de exclamação, uma pergunta ou mudar o modo do verbo.
Mudança de coerência	Mudança na área de disposição lógica do texto.
Tradução parcial	Tradução sumária, transcrição etc.
Mudança de visibilidade	Se o tradutor está visível no TA, por causa de uma nota de rodapé, de observações etc.
Reedição	É quase escrever o texto de novo, porque o TF é mal escrito.
Outras mudanças pragmáticas	Mudança na paginação etc.

Na introdução fez-se 3 perguntas antes de poder responder à pergunta principal. A questão ligada a este capítulo é a seguinte:

Quais são as possíveis estratégias de tradução que podem ser aplicadas aos livros infantis de Mia Couto? Como já vimos, há aqui acima 30 estratégias desenvolvidas por Andrew Chesterman. No entanto, é preciso fazer uma análise antes de tirar uma conclusão. A única coisa que se pode dizer agora, é que se podia fazer uma distinção entre estratégias sintáticas, semânticas e pragmáticas. No capítulo seguinte apresenta-se uma análise onde se aplica algumas das estratégias mencionadas acima. Depois de essa análise será possível tirar uma conclusão coerente e baseada na análise.

4: Uma Análise dos Livros *O Beijo da Palavrinha* e *A Chuva Pasmada* Por Meio das Estratégias de Andrew Chesterman

Por meio de estas estratégias, é agora possível analisar e resolver os problemas que se encontram na tradução dos livros *O Beijo da Palavrinha* e *A Chuva Pasmada*. Os problemas encontrados estão indicados nos níveis de Chesterman; estratégias, sintáticas, semânticas e pragmáticas. No entanto, há trechos que requerem uma abordagem que consiste numa combinação de estratégias de vários níveis. Faz-se a análise da seguinte maneira: primeiro, apresenta-se o trecho que causa dificuldades; isto pode ser um adjetivo, um substantivo, um verbo, um nome próprio, uma expressão idiomática ou um elemento estilístico que muda na transferência para o TA. Segundo passo é explicar porque causa problemas, seguido pelo terceiro passo, que é a escolha da estratégia adequada. O último passo será resolver o problema mencionado e a tradução para holandês.

4.1 Soluções Sintáticas

(1)

‘Espreitámos na janela: era uma chuvinha suspensa, flutuando entre céu e terra. Leve, pasmada, aérea. Meus pais chamaram àquilo um «chuvilho». E riram-se, divertidos com a palavra.’ (A Chuva Pasmada, p. 6)

Mia Couto já indica aqui, por meio das aspas, estamos perante de uma palavra nova, que consiste numa palavra existente (chuva) e num sufixo; o *Dicionário da Língua Portuguesa 2010* confirma esta idéia. Anteriormente no trecho, o escritor também usa *chuvinha*, que parece ter o mesmo significado, que *chuvisco*. Chuvilho consiste em dois morfemas, a saber o morfema *chuva* e o morfema *-ilho*, um sufixo diminutivo. (Cunha, p. 92)

O problema de tradução é que o tradutor tem de inventar uma palavra nova no TA e, portanto, também uma nova palavra na língua-alvo. Uma outra opção é omitir a palavra inexistente, mas isto é o aspeto que torna os contos do Mia Couto especiais. Por isso, é preferível escolher a primeira opção; manter a palavra em questão. Uma das estratégias desenvolvidas por Andrew Chesterman é o empréstimo, ou calque; *A introdução de um neologismo baseado num empréstimo ou calque*. (Naaijken, p. 156) Quando se aplica esta estratégia, pode-se inventar um substituinte como *regentje* na língua holandesa. ‘Regen’ (*chuva* em holandês) ainda é reconhecível, como *chuva* em *chuvilho*. Além disso, o sufixo diminutivo *-tje* é muito

comum na língua holandesa. Embora ‘*regentje*’ não seja uma palavra existente, a criança ainda pode compreender e adivinhar o sentido.

4.2 Soluções Sintáticas e Semânticas

(2)

‘*Às vezes sonhava que ela se convertia em rio e seguia com passo lento, como a princesa de um distante livro, arrastando um manto feito de **remoinhos, remendos e retalhos.***’ (O Beijo da Palavrinha, p. 8)

Neste trecho, é questão de um problema que tem a ver com elementos estéticos. *Remoinhos, remendos e retalhos* é um exemplo de aliteração. Quando o tradutor traduz este trecho literalmente, perde-se a estética da aliteração.

A estratégia de Andrew Chesterman que oferece uma solução é a décima estratégia sintática; mudança de esquema. Chesterman escreveu que, se o esquema do texto é relevante para a tradução, o esquema pode ficar intato. (Munday, p. 160) A aliteração não parece, neste caso, essencial, porque a importância do conteúdo é superior à importância da aliteração. No entanto, Mia Couto não escolheu este esquema sem razão e por isso, o tradutor pode manter a aliteração no TA, embora seja um desafio.

Há por isso duas opções: ou o tradutor mantém a carga semântica da frase sem aliteração, ou o tradutor mantém a aliteração no TA.

A primeira opção, a omissão da aliteração, causa a seguinte tradução:

‘*Soms droomde ze dat ze in een rivier veranderde en langzaam stroomde, als een prinses van ver weg, die een mantel draagt gemaakt van lapjes en stukjes stof.*’

A aliteração *remoinhos, remendos e retalhos* está substituída por *lapjes en stukjes stof*. Mantém-se desta maneira a carga semântica, embora se perca a aliteração.

A segunda opção é manter a aliteração, que requer mais atenção do tradutor.

Neste caso, a tradução será assim:

‘*Soms droomde ze dat ze in een rivier veranderde en langzaam stroomde, als een prinses van ver weg, die een mantel draagt gemaakt van lapjes, lintjes en lusjes.*’ Embora esta tradução não seja a tradução literal, o tradutor mantém de esta maneira a aliteração e a carga semântica. É então a escolha do tradutor mesmo se quer manter a aliteração ou não.

Embora se fale de uma mudança sintática aqui, deve-se notar que se escolhe de fato uma mudança semântica; o conteúdo pode ser considerado mais importante do que a estética do conto. A mudança é então feita por meio de uma estratégia sintática, mas a intenção é de fato melhorar a compreensão do leitor, ou seja, é uma mudança semântica.

(3)

A ocorrência dos substantivos *Maninha* (p. 14), *Mano Zonzo* (p. 16), *mana* (p. 18), *Manito* (p. 20) e *Irmãzinha* (p. 28) (Todos no livro *O Beijo da Palavrinha*)

Estas substantivos têm a ver com o grau de formalidade de tratamento.

Tanto *mano*, como *mana* e como as palavras *manito*, *maninha* e *irmãinha* são formas de tratamento informais e indicam um relacionamento entre irmãos. O tradutor podia escolher aqui uma tradução literal, que oferece as palavras *broertje* e *zusje* para *mano* e *mana*; literalmente as equivalentes de irmãozinho e irmãzinha. A pergunta que surge é se *mano* e *mana* são equivalentes a irmãozinho e irmãzinha e se é possível traduzir *mano* e *mana* com as mesmas palavras em holandês. *Manito* consiste na palavra *mano* e o sufixo *-ito*, que é um sufixo diminutivo. (Cunha, p. 92)

É por isso evidente escolher *broertje* como tradução, porque outros sufixos diminutivos em holandês, como *-pje*, *-etje* ou *-je* não podem aparecer em combinação com a palavra *broer*.

Embora seja uma repetição de *mano* e *mana*, simplesmente não há outras maneiras para exprimir *broertje* na língua holandesa, como na língua portuguesa.

O tradutor terá de traduzir *mano* por *broertje*, *mana* por *zusje* e *manito*, mais uma vez, por *broertje*. É então uma estratégia sintática, a tradução literal. Mas, para evitar uma repetição, é possível aplicar uma estratégia semântica, por exemplo a mudança de distribuição.

A frase '*Vou-lhe mostrar o mar, maninha.*' é literalmente: '*Ik ga je de zee laten zien, zusje.*'

Mas como já se usa *zusje* ou *broertje* como substituição pelas outras palavras, pode-se adicionar um possessivo. A tradução será assim: '*Ik ga je de zee laten zien, mijn zusje.*' (Vou-lhe mostrar o mar, minha maninha)

Além disso também se cria uma aliteração e rima aqui (minha maninha).

(4)

Nesse jogo de enganos eu me embalava enquanto o mais-velho cantarolava como se espreguiçasse. E era sempre a mesma cantilena:

*O rio, Macio
sem cio, sem pio,
um fio. um pavio.*

(A Chuva Pasmada, p. 36)

Como já vimos no livro *O Beijo da Palavrinha*, a estética e a paginação do livro ou texto faz a tradução mais difícil. Em consequência disso, será também muito difícil manter a esquema de rimas acima. Chesterman propõe 3 possíveis soluções:

1-manter a esquema original do TF.

2-substituir a esquema original do TF por uma outra esquema.

3-omitir a esquema original completamente.

(Naaijken, p. 160/161)

A primeira solução é impossível de aplicar quando o tradutor quer aplicar a tradução literal. Para manter a esquema de rima no texto, é preciso aplicar a estratégia semântica de paráfrase em combinação com a mudança de esquema.

Quando se quer ficar leal ao estilo de Mia Couto, terá de usar a primeira solução. O tradutor terá de traduzir o texto de uma maneira livre, enquanto fica perto do significado do TF.

O verso descrito no trecho mostra-nos uma idéia de silêncio e sossego. Embora o verso no TA não tenha de ser uma tradução literal, terá de mostrar a mesma idéia.

O verso no TA pode ser assim:

*De rivier, Zacht,
zonder plezier, zonder kracht,
een slier. zonder pracht.*

Neste caso não é possível traduzir literalmente, usando a primeira opção de Chesterman. Mas, ao mesmo tempo, mantém-se a carga semântica e simbólica e o esquema do verso.

(5)

‘*Cão que ladra é porque tem medo de ser mordido.*’ (A Chuva Pasmada, p. 50)

Mia Couto brinca com a língua aqui. Esta vez não é no nível de uma palavra só, mas no nível de uma frase. Em português, o provérbio *cão que ladra não morde* é muito conhecido.

Existe um provérbio equivalente em holandês: *Blaffende honden bijten niet*.

O escritor brinca com a língua e forma desta maneira um novo provérbio.

Porque o provérbio é exatamente o mesmo em ambas as línguas, não é muito difícil escolher a tradução literal aqui. A frase será assim em holandês: ‘*Blaffende honden zijn bang om gebeten te worden.*’ As crianças já conhecem o provérbio original e podem talvez notar o jogo de palavras. Se isto não for o caso, a frase ainda faz sentido e não se afasta da criança.

É uma tradução literal do texto português, portanto é uma estratégia sintática. No entanto, é preciso apontar a importância da semântica nesta escolha. É uma coincidência que o provérbio seja literalmente o mesmo em holandês. Se não houvesse um equivalente em holandês, não se usava esta estratégia para traduzir a frase; é então uma escolha semântica mas usa-se a tradução literal simplesmente porque é possível.

O maior problema em traduzir *O Beijo da Palavrinha* não tem a ver com diferenças culturais ou linguísticas, mas com a combinação de paginação e de língua. No livro, em que o mar é o sujeito principal, *mar* está soletrada, com uma descrição das letras. O *m* é feito de vagas, líquidas linhas que sobem e descem. Isto está ilustrado também: a menina segura um papel com a letra *m*. (p. 20/21) A segunda letra, a letra *a* é descrita como *uma ave, uma gaivota pousada nela própria, enrodilhada perante a brisa fria*. (p. 22)

O termo em holandês, *zee*, tem obviamente uma outra ortografia. O *z* não é feito de vagas e líquidas linhas que sobem e descem. E a letra *e* não se assemelha a uma ave ou a uma gaivota pousada nela própria. Este problema parece ser insolúvel no nível da língua e no nível da paginação, das ilustrações. Se o tradutor quer traduzir este texto, terá de usar reedição.

No entanto, contanto que o texto não contenha as ilustrações do TF. Dado este fato, este livro parece ser intraduzível.

4.3 Soluções Semânticas

(6)

‘- *Essa chuva traz água no bico.*’ (A Chuva Pasmada, p. 8)

Mia Couto usa a expressão *Trazer/levar água no bico*. Na língua portuguesa isto quer dizer: encerrar uma intenção reservada.

Em holandês existe a expressão: *het water in de mond hebben*; é quase uma tradução literal, mas tem um sentido muito diferente. O tradutor pode usar esta expressão sem pensar no sentido diferente. A carga semântica é mais importante, e por isso será melhor usar uma expressão com a mesma carga semântica em vez de uma tradução que mantém a forma estética do texto.

A estratégia adequada é a estratégia semântica de paráfrase. Chesterman menciona que esta estratégia é muito adequada quanto às frases fixas, como ditados e provérbios. (Naaijken, p. 165) Isto pode causar uma tradução livre, mas também mantém a carga semântica. Em holandês existe o provérbio *Er zit een addertje onder het gras*; que quer dizer que há uma intenção reservada. A primeira proposta é então substituir *Essa chuva traz água no bico* por ‘*er zit een addertje onder het gras.*’

No entanto, de esta maneira distancia-se do TF, porque não se mantém o contexto de chuva e de água. Por isso, também há uma segunda opção, a saber usar uma expressão holandesa que exprime a mesma idéia de *trazer água no bico* e ajustá-la na mesma maneira que Mia Couto fez; adicionar *essa chuva* (die regen).

Um exemplo de estas expressões é ‘*iets in petto hebben*’.

A tradução será a seguinte: ‘*Die regen heeft meer voor ons in petto.*’ O leitor holandês percebe que a chuva vai causar mais situações ou problemas. Embora não esteja muito claro se isto será algo negativo ou positivo, a frase terá um tom negativo, visto o contexto.

A segunda opção também é um exemplo da estratégia semântica de paráfrase.

(7)

‘-Viu homem? Estou a semear **grãonizo**.’ (A Chuva Pasmada, p. 16)

Grãonizo é mais uma vez um exemplo de uma criação de Mia Couto, ou seja, é uma combinação de palavras existentes na língua portuguesa.

A língua portuguesa conhece as duas palavras *grão* e *granizo*, mas *grãonizo* ao contrário é inexistente. Normalmente, *grau* sempre aparece com o sufixo *-ulo*. *Grânulo* é então uma forma fixa. (Cunha, p. 94)

Em holandês, *grão* é *korrel*, e *granizo* é *hagel*. Uma combinação destas duas palavras em holandês será muito mais complicada do que em português.

Uma das estratégias que parece aplicável neste caso é a estratégia mudança em distribuição. Usa-se mais unidades lexicais, ou seja extensão, para exprimir o mesmo conceito. Em vez de *hagel* (granizo) escolhe-se *hagelslag* (granulado chocolate) para despertar a imaginação da criança. *Hagelslag* é acidentalmente um artigo de uso corrente na Holanda, portanto, a criança holandesa vai ser capaz de ligar o conceito de *hagelslag* a esta frase. *Grão* mantém o seu significado em holandês.

‘- Zag je dat, man? Ik ben hagelslag van graankorrels aan het zaaien.’

(8)

‘Então sucedeu: o braço da tia foi cingindo o pobre desconhecido em aperto de **jibóia** esfaimado. (A Chuva Pasmada, p. 21)

O problema neste trecho é a ocorrência da palavra *jibóia*. Uma *jibóia* é uma serpente grande, chamada *boa constrictor* em holandês.

Serpentes não vivem em liberdade na Holanda e por isso é evidente que a criança holandesa não sabe o que é uma *jibóia*. *Serpente* por outro lado, faz parte do vocabulário destas crianças. Uma estratégia para traduzir *jibóia* é hiponímia; uma estratégia semântica. *Serpente* é a hiperonímia específica de *jibóia*, a hiponímia.

O tradutor terá de traduzir *boa constrictor* então por *wurgslang* (serpente em holandês). *Wurg-* de *wurgslang* é derivada do verbo *wurgen*, estrangular. Por isso, usar *wurgslang* é importante para o contexto.

A tradução será assim:

‘Het lukte: de arm van tante hield de arme onbekende man vast als een uitgehongerde wurgslang.’

(9)

'Foi quando, mãos nas ancas, a mãe veio à sala pedir contas:

- Isso, deixem amolecer esses vossos cus na porcaria das cadeiras...'

(A Chuva Pasmada, p. 31)

Este trecho contém linguagem familiar e o tradutor terá de ter cuidado com a tradução. É claro que a tradução ainda tem de exprimir o tom do texto, mas ao mesmo tempo tem de ter em mente que é um livro para crianças; o conto não pode conter linguagem grosseira.

Uma sugestão para traduzir este trecho é a seguinte:

Toen, met de handen op de heupen, kwam moeder naar de kamer om ons de les te lezen:

-Blijven jullie verdorie maar lekker op je kont zitten...'

A estratégia aplicada a esta frase é a mudança de ênfase, uma mudança semântica. Desta maneira, o tradutor omite 'porcaria de' e acentua a sentar-se na cadeira pela adição da expressão 'verdorie'. Parece que uma tradução literal do TF pode causar uma linguagem grosseira em holandês. Por isso será melhor usar a mudança de ênfase, para evitar o uso das palavras ofensivas no TA.

No entanto, temos de ter em mente que estamos perante de diferenças entre línguas e culturas. Uma certa coisa, ou um termo pode ser plenamente normal numa cultura, mas pode ser ofensiva e grosseira numa outra cultura ou língua.

O tradutor terá de ter em consideração as diferenças entre as línguas e as suas culturas complementares. Estas culturas têm, como já apresentado na teoria de Toury, outras normas e conceitos. O problema é que alguém que fale português e holandês nem sempre tem conhecimento suficiente para determinar as normas diferentes de estas línguas. A cultura moçambicana e a cultura portuguesa são de fato diferentes, mesmo que partilhem a língua portuguesa como língua oficial. O tradutor terá mais certeza que usa linguagem aceita segundo as normas da cultura do TA.

(10)

‘- *Você também gosta desta pescatez, não é?*’ (A Chuva Pasmada, p. 35)

Pescatez é uma palavra inexistente, mas é obviamente derivada de *pescar*, o verbo.

Parece que *desta pescatez* é um substituinte de *pescar*. É então uma outra maneira para dizer *você também gosta de pescar, não é?* Estamos perante de um processo chamado nomalização deverbal; quando um verbo se transforma num substantivo por meio de derivação.

A pergunta é só se isto também é possível na língua holandesa, para ficar mais perto tanto possível do estilo de Mia Couto. Pescar é *vissen* em holandês e quando aplicamos a nomalização deverbal, obtemos *gevis*.

Quando mantemos a palavra original, o verbo *vissen*, é preferível usar a estratégia de transposição, que aponta a mudança da classe gramatical. Portanto, o tradutor pode escolher uma destas estratégias. Será mais recomendável aplicar a primeira estratégia, para ficar mais perto como possível do estilo de Mia Couto e então traduzir este trecho da seguinte maneira:

Jij houdt ook van gevis, toch?

(11)

‘*Quando meu avô se calou eu deveria escutar a voz do rio. Mas nada soava. Apenas um silêncio nos magoava como uma ferida interior. Talvez fosse **saudade** da água pescadora, **saudade** da água pesqueira. Sentiremos sempre a **saudade** como um mar em que, em outra vida, nos tenhamos banhado.*’ (A Chuva Pasmada, p. 43)

O problema neste caso é a inexistência de um equivalente para *saudade* na língua holandesa. Saudade é um conceito, uma noção que só os falantes da língua portuguesa entendem perfeitamente. O *Dicionário da Língua Portuguesa 2010* define *saudade* da maneira seguinte:

‘*sentimento melancólico causado pela ausência ou pelo desaparecimento de pessoas ou coisas a que se estava afetivamente muito ligado, pelo afastamento de um lugar ou de uma época, ou pela privação agradáveis vividas anteriormente.*’ (p. 1435) Há duas opções; ambas são uma substituição da palavra por uma palavra do mesmo nível, da classe dos nominais.

Pode-se definir *saudade* como *heimwee* em holandês. Embora *heimwee* exprime a mesma idéia, a noção de *saudade* abrange muito mais do que a idéia de *heimwee*. Ainda é preferível usar esta palavra na tradução, porque as outras opções como *verlangen* e *nostalgie* são mais formais e expressam o sentido da *saudade* muito menos.

A tradução será então assim:

‘Misschien was het de heimwee naar de viswateren.’

Usa-se aqui só uma vez a palavra *viswateren*, porque quer dizer tanto *água pescadora* como *água pesqueira*. Isto é chamado mudança de distribuição, uma das estratégias semânticas de Andrew Chesterman. É questão de redução aqui, porque usa-se menos unidades lexicais. Os conteúdos das unidades *água pescadora* e *água pesqueira* são iguais; por isso é preferível usar *viswateren* só uma vez. Se houvesse mais maneiras para dizer água pesqueira ou água pescadora, usava-as.

Também podemos usar o substantivo *het gemis van* (a falta de) em vez de *saudade*. *Gemis* é derivado do verbo *missen* (faltar). O tradutor pode escolher ambas opções, mas a última, o uso da palavra *het gemis*, parece melhor. Mia Couto nunca escolhe as palavras que são as mais evidentes, portanto, para compensar a redução da frase, escolhe-se aqui a tradução menos evidente, que é *het gemis*. A tradução seria assim: *‘Misschien was het het gemis van de viswateren.’*

(12)

*‘Por um momento, pareceu-me que a tia o arrastava para uma dança, rumo a esses embalos fatais com que ela **jibojava** os homens.’* (A Chuva Pasmada, p. 59)

Conforme o *Dicionário da Língua Portuguesa de 2010*, existe *jibóia*, mas o verbo *jibojar* não se encontra no mesmo dicionário. Num dos trechos anteriores, trecho 8, já se explicou que uma *jibóia* é uma serpente grande.

É importante colocar o trecho no seu contexto, porque isso já explica mais sobre uma tradução possível. As palavras *arrastar* e *embalos fatais* já fazem supor que a tia é comparada com um animal selvagem, ou neste caso com uma serpente.

Uma tradução literal é impossível neste caso. É possível substituir *jibóia* por *slang*, mas *jibojar* por *verslangen* é muito abstrato e estranho para o leitor; a criança holandesa.

Uma tradução que é evidente é substituir *jibojar* por *verslinden* (devorar em português)

A estratégia que pode causar a concretização da frase é a mudança de abstração, uma estratégia semântica. Este método permite o tradutor omitir um elemento abstrato e substituí-lo por um elemento mais concreto. *Jibojar* é nesta frase o elemento abstrato. Além disso, se o tradutor substituir *jibojava* pela tradução literal em holandês, a frase não será compreendida

pelas crianças holandesas. Neste caso é então melhor usar a estratégia de concretização. A tradução será assim:

'Heel even leek het alsof tante hem meesleepte om te dansen, met dezelfde dodelijke bewegingen waar ze mannen mee kon verslinden.'

(13)

'A tia tombou sobre os joelhos e se benzeu:

- Lavado seja Deus!' (A Chuva Pasmada, p. 72)

É mais uma vez um exemplo de uma expressão mudada. A expressão original é 'Louvado seja Deus', ou, em holandês, '*God zij geprezen*'. Para compreendermos a mudança feita por Mia Couto, temos de colocar o trecho no seu contexto. No conto, havia uma seca e após longos períodos sem chuva, começou a chover finalmente. Lavado, do verbo lavar, tem obviamente a ver com a chuva, a água. A pergunta principal é então: como podemos traduzir este jogo de palavras para holandês? É coincidência que *louvado* e *lavado* tenham quase a mesma ortografia e fonética. Infelizmente não é o caso em holandês, porque *geprezen* (louvado) e *gewassen* (lavado) estão longe de ser semelhantes. No entanto, não é preciso traduzir o TF literalmente. Pode ser uma escolha do tradutor omitir o jogo de língua e traduzir *Lavado seja Deus* por uma expressão normal em holandês.

Pode-se optar por *God zij geprezen*, que é a tradução literal do ditado Louvado seja Deus; a expressão normal em português.

Outra opção é que se usa é *God zegent ons* em vez de *God zij geprezen*. Com esta opção pode-se optar por um jogo de língua. *Zegent* é o verbo *abençoar* na terceira pessoa e rima com *regent*, a conjugação na terceira pessoa do verbo chover. O tradutor pode então manter a carga semântica da frase e pode manter o jogo de língua, como Mia Couto também fez. A tradução será assim: '*God regent ons!*'

Para este trecho, o tradutor pode usar a estratégia semântica de paráfrase. Mia Couto usa uma expressão idiomática e brinca com esta expressão. Não há um equivalente para *Lavado seja Deus* e por isso não se pode traduzir a frase literalmente. Embora *God regent ons* não tenha o mesmo significado como *Lavado seja Deus*, ainda cabe bem no contexto e ao mesmo tempo o tradutor mantém o jogo de língua.

(14)

‘Meu velhote, depois, se debruçou para recolher o ramo de kwangula-tilo.’ (A Chuva Pasmada, p. 73)

Kwangula-tilo é inventado por Mia Couto para indicar um arbusto.

Porque o nome não existe e a ortografia da palavra será estranha em holandês, o tradutor terá de aplicar uma estratégia. Ou seja, são possíveis duas estratégias. A primeira é a hiponímia, uma estratégia semântica. O leitor pode concluir que o kwangula-tilo é um arbusto. Como já disse, o kwangulo-tilo é inventado e o tradutor pode escolher traduzir kwangulo-tilo simplesmente por arbusto (*struik* em holandês). Arbusto é então a hiperonímia de kwangula-tilo. A segunda estratégia é a filtragem cultural, uma estratégia pragmática. Neste caso, o tradutor pode substituir kwangula-tilo por um arbusto conhecido na Holanda, ou Europa. Arbustos conhecidos que aparecem frequentemente na Holanda são por exemplo o conífero ou o buxo. A pergunta é se as crianças sabem o que é um conífero ou um buxo.

Será então melhor escolher a estratégia semântica; a hiponímia. O tradutor garantia-se desta maneira de uma tradução adequada, compreendida pelo leitor de qualquer maneira.

A tradução será assim: *‘Mijn vader bukte om de takjes van de wilde struik op te rapen.’*

O adjetivo *wilde* (selvagem) é adicionado na frase no TA para compensar kwangula-tilo para criar uma idéia misteriosa e interessante.

4.4 Soluções Semânticas e Pragmáticas

(15)

‘É por isso que existem os samvura, os donos da chuva. São eles que falam com os espíritos para que estes libertem as águas que moram nos céus.’ (A Chuva Pasmada, p. 9)

Este trecho salienta o mesmo problema como o trecho acima. *Os samvura* não existem, é de novo a introdução de uma invenção de Mia Couto.

Todavia, não tem de ser um grande problema. Pode-se propôr aqui manter o substantivo *samvura*, também no texto holandês (com apenas uma adaptação para obter a forma plural, que é formado pela adição de ‘s).

A palavra é fácil de pronunciar, porque tem uma ortografia que pode ocorrer na língua holandesa. Além disso, *samvura* não parece ter um significado especial (por causa dos morfemas), portanto, não é obrigatório dar um significado ao termo em holandês. A palavra em questão é seguida por uma explicação também, a saber *‘os donos da chuva’*.

Os samvura não precisa de um significado claro, porque está explicada mais adiante na frase. A sugestão de tradução é por isso a seguinte:

‘Daarom bestaan de samvura’s, de eigenaren van de regen.’

É questão de uma tradução literal, que é uma estratégia sintática. Mas esta estratégia depende do significado e da pronúncia de *os samvura*. Se *samvura* fosse algo existente, ou tivesse uma ortografia estranha na língua holandesa, o tradutor teria de substituí-la por um termo com uma ortografia holandesa.

Portanto, embora a estratégia usada seja uma das estratégias sintáticas, baseia-se na semântica.

(16)

*‘Reparei como os olhos do **branquito** brilhavam.’* (A Chuva Pasmada, p. 28)

Escolhe-se este trecho, porque é questão de dois problemas na tradução. O primeiro problema é a ocorrência de *branquito*, usada para descrever um menino branco. Esta palavra não é usada muito, portanto, é preciso inventar um equivalente – existente ou inexistente – para descrever o menino no mesmo tom.

Segundo problema é: como podemos traduzir essa palavra? É mais difícil do que parece, porque o tradutor terá de ter cuidado quando traduz. Escolher o termo errado pode causar uma discussão sobre discriminação; há termos inaceitáveis e ofensivos.

Branquito é uma derivação do adjetivo *branco*. O sufixo *-ito* tem um efeito diminutivo.

Pode ser uma estratégia semântica (mudança de distribuição); neste caso por usar mais unidades lexicais, ou seja extensão. Pode-se traduzir *branquito* por *blanke jongetje*; são então duas em vez de uma só palavra. Por este meio, o tradutor enfraquece a carga da frase. (Naaijken, p. 164) A vantagem disso é que será mais fácil de traduzí-la.

‘Ik zag hoe de ogen van het blanke jongetje glinsterden.’

Além disso, é também uma estratégia pragmática; uma mudança de nível de explicitação. Adiciona-se na tradução acima *jongetje* – rapazito - ao texto, porque *rapazito* está implícita no TF. É então uma combinação de uma estratégia semântica e uma estratégia pragmática.

4.5 Soluções Pragmáticas

(17)

‘Depois, lançou os olhos na savana, coberta de gretas e varizes.’ (A Chuva Pasmada, p. 11)

O problema aqui, é a ocorrência de *savana* (*savanne* em holandês), o nome de uma paisagem típica em África. Embora essa paisagem não exista na Holanda, as crianças podem ter uma idéia do conceito *savana* e podem criar uma imagem, mas talvez não conheçam a palavra mesma. Por isso, é possível propôr duas estratégias de Andrew Chesterman, que podem prevenir a estrangeirização do conto. A primeira estratégia é a filtragem cultural, uma estratégia pragmática. A segunda estratégia é a sinonímia; uma estratégia semântica. A *savana* é de fato uma planície, muitas vezes sem vegetação, ou com pouca vegetação. É esse conceito que se quer transmitir na tradução.

O termo adequado em holandês será *kale vlakte* (planície nua em português). É então um sinónimo, mas ao mesmo tempo também é a filtragem cultural. A tradução final será:

‘Daarna wierp hij een blik op de kale vlakte, bedekt met barsten en aders.’

Também se pode dizer que se aplicou a estratégia semântica hiponímia. Usa-se na tradução a hiperonímia *kale vlakte* em vez da hiponímia *savanne*.

(18)

‘Apanharíamos milho, mandioca e feijão como se fosse do ramo de árvore.’ (A Chuva Pasmada, p. 16)

Este trecho aponta mais uma vez a diferença entre as duas culturas em questão.

A mandioca é uma alimentação típica em África. No entanto, a mandioca, ou *cassave* em holandês, não é usada tanto na Holanda como em Moçambique. Além disso, porque não é usada tanto na Holanda, surge a idéia que as crianças não conhecem a palavra. Volta-se por isso à estratégia de domesticação do Venuti e à filtragem cultural de Andrew Chesterman. Os elementos específicos da cultura do TF têm de ser substituídos por elementos da cultura do TA, para evitar afastar-se da criança holandesa. Portanto, pode-se propôr aqui a substituição de *mandioca* por um substituinte familiar no vocabulário infantil, mas ao mesmo tempo uma palavra que é um equivalente de mandioca. A mandioca é um vegetal de raiz, por isso escolheria a substituição de mandioca por *batata* (*aardappel* em holandês). A batata é muito mais conhecida e usada na cozinha holandesa e é por isso algo que será reconhecida pelas

crianças. A tradução será: *'We oogstten maïs, aardappelen en bonen, alsof het van takken af kwam.'*

(19)

'Pois ela levou uma cabaça grande e prometeu que voltaria com ela cheia.' (A Chuva Pasmada, p. 39)

Este exemplo é como o problema acima, com *mandioca*. Cabaça também é um elemento ligado à cultura moçambicana e africana. A mulher leva a cabaça para ir buscar água. Embora a criança holandesa não conheça costumes como este, isto não deve ser muito estranho ou importuno. *Cabaça* (*kalebas* em holandês), em contrapartida, é um exemplo dos artigos de uso corrente em Moçambique e em África, mas pouco utilizados na Holanda. Crianças holandesas da idade do público-alvo provavelmente não sabem o que é uma *cabaça*, ou a função do objeto. Por isso, será melhor aplicar mais uma vez a filtragem cultural e substituir *cabaça* por um objeto melhor conhecido na Holanda, por exemplo uma abóbora (*pompoen*). Para dar a perceber a função da abóbora neste contexto, é necessário adicionar o adjetivo *oca* (hol ou *uitgehold*). Usando esta estratégia, causa-se a seguinte tradução:

'Ze nam een uitgeholde pompoen mee en beloofde dat ze hem gevuld mee terug zou nemen.'

(20)

Um dos aspetos que requer muita atenção é a aparência dos nomes próprios. Nomes próprios estão muitas vezes ligados à cultura. Em traduções dos livros para adultos, estes nomes não mudam no TA porque o leitor adulto se familiariza depressa aos nomes estrangeiros e incomuns. No caso na literatura infantil, o tradutor tem de pensar em mudar os nomes próprios para a criança não se afastar do texto.

"The more 'exotic' the name, the more often it is modified in translated children's books, particularly if the name is difficult or awkward to pronounce." (van Coillie, 130)

Para este problema, van Coillie sugere várias opções, que estão enumeradas abaixo. Porque nem todas essas opções são aplicáveis aos nomes que aparecem nos livros de Mia Couto – nomes moçambicanos – serão tratadas apenas as soluções que podem ser usadas em *O Beijo da Palavrinha* e *A Chuva Pasmada*.

Embora o tradutor destes textos tenha de mudar os nomes para satisfazer o público jovem, também terá de tentar manter o significado dos nomes na tradução.

(...) *the name may be too difficult to read, for example, or it may not have the desired connotations in the target language. When a translator changes a name, he or she usually does so to make sure that the translated name will function precisely as the original name does.*" (van Coillie, 124)

Depois, van Coillie faz uma enumeração das possíveis soluções. O tradutor pode copiar o nome original sem mudança, pode copiar o nome original mas com explicação, pode substituir o nome próprio por um substantivo, pode escolher uma adaptação fonética, substituir o nome por um equivalente do língua-alvo, por um nome mais conhecido no língua-fonte, por qualquer outro nome na língua-alvo, por um outro nome com a mesma conotação, pode traduzir o nome literalmente, ou simplesmente eliminar o nome. (van Coillie, 125-129)

Nos livros *O Beijo da Palavrinha* e *A Chuva Pasmada* ocorrem também nomes próprios e geográficos. Embora Chesterman não mencione a ocorrência dos nomes próprios no seu texto, oferece uma ótima estratégia para resolver este problema. A estratégia pragmática, a filtragem cultural, é mais uma vez muito útil quanto ao este problema. Os nomes são obviamente nomes africanos, difíceis de pronunciar para crianças holandesas, excepto o nome Maria. É por isso que o tradutor tem de substituir os nomes africanos por nomes europeus, para não se distanciar do seu público-alvo.

Alguns exemplos de nomes próprios nestes contos e a sua tradução são:

- **Maria Poeirinha**; é o nome de uma menina. Maria é um nome que também se encontra muito na Holanda e Europa. Portanto, o tradutor pode manter o nome Maria. Poeirinha é a combinação de poeira (*stof* em holandês) e o sufixo diminutivo *-inha*. Traduz-se Poeirinha então por *Stofje* (*stof* e o sufixo diminutivo *-je*). Maria Poeirinha é Maria Stofje no TA.

- **Tio Jaime Litorâneo**; Este nome contém uma carga especial: Litorâneo. Portanto, tem algo a ver com o mar, ou beira-mar, e no conto o tio fala muitas vezes sobre o mar. Pode-se traduzir *Jaime* por um nome holandês que começa com um J também; por exemplo Jan.

A tradução do nome será: *Ome Jan Zeeman*. Escolha-se o apelido Zeeman (Marinheiro) porque rima com Jan, então o tradutor mantém o estilo de Mia Couto desta maneira, e porque ainda tem algo a ver com o mar, ou a área litoral.

- **Ntoweni**; Ntoweni é um nome que ocorre muito no livro *A Chuva Pasmada*. Embora o nome não seja típico holandês, o tradutor pode ajustar o nome para ser pronunciável para o seu público-alvo. Por meio de adição de um vogal entre o *N* e o *t*, por exemplo um *o*, pode-se domesticar o nome. Esta adição de um vogal causa a tradução de Ntoweni por *Notoweni*.

- **Tsilenque**; Tsilenque é um nome geográfico inventado por Mia Couto. Porque a ortografia *-que* é difícil para crianças holandesas, o tradutor terá de ajustar a ortografia do nome conforme as normas holandesas. Quando se substitui *-que* por *-k*, isto resulta em *Tsilenk*.

Depois de tratar todos os trechos podemos constatar quais são as estratégias (sintáticas, semânticas ou pragmáticas) mais usadas na tradução dos livros de Mia Couto. Usa-se por isso uma recapitulação:

Trecho	Estatégia de Tradução
<i>Chuvilho</i>	Sintática
<i>Remoinhos, remendos e retalhos</i>	Sintática e Semântica
<i>Maninha, Mano, mana e manito</i>	Sintática e Semântica
<i>O rio, sem cio, um fio.</i> <i>Macio, sem pio, um pavio.</i>	Sintática e Semântica
<i>Cão que ladra porque tem medo de ser mordido</i>	Sintática e Semântica
<i>Essa chuva traz água no bico</i>	Semântica
<i>Grãonizo</i>	Semântica
<i>Jibóia</i>	Semântica
<i>Isso, deixem amolecer essas vossas cus na porcaria das cadeiras</i>	Semântica
<i>Pescatez</i>	Sintática
<i>Saudade</i>	Semântica
<i>Jiboiava</i>	Semântica
<i>Lavado seja Deus</i>	Semântica
<i>Kwangula-tilo</i>	Semântica
<i>Os Samvura</i>	Sintática e Semântica
<i>Branquito</i>	Semântica e Pragmática
<i>Savana</i>	Pragmática
<i>Mandioca</i>	Pragmática
<i>Cabaça</i>	Pragmática
<i>Os nomes próprios</i>	Pragmática

Como se pode ver, as estratégias semânticas e pragmáticas são as estratégias mais usadas e precisas na tradução dos livros de Mia Couto. Estas duas estratégias representam as mudanças na área de cultura, enquanto que a estratégia sintática representa as mudanças de estilo do texto. Embora estas estratégias também sejam importantes, as estratégias semânticas e pragmáticas provocam a domesticação do TA, porque estas estratégias têm mais a ver com a carga da língua e o contexto cultural. Mudanças feitas por meio de uma estratégia sintática provocam geralmente apenas uma mudança estilística e então não causam uma mudança no nível de domesticação ou estrangeirização. E domesticação é de fato um processo que consiste em mudanças na área de compreensão no nível cultural e linguístico. Podemos concluir que a tradução dos livros infantis de Mia Couto é um processo cultural, mais que um processo linguístico.

CONCLUSÃO

Apresentou-se neste trabalho a abordagem de uma tradução de 2 livros infantis de Mia Couto e mostrou-se que traduzir não é apenas um processo linguístico, mas também um processo cultural.

Os contos e livros deste autor geralmente contêm neologismos, aspetos culturais e aspetos estilísticos como rima e aliteração. É então um estilo típico e por isso requer muita atenção no processo de tradução. Apresenta-se isto passo a passo.

Primeiro, mostrou-se que a estratégia de domesticação, de Venuti, é o método preferido para a tradução dos textos infantis. Ao contrário a estrangeirização, é mais usada na tradução para adultos.

No segundo capítulo aplicou-se a teoria das normas de Gideon Toury, cuja conclusão é que um tradutor tem de satisfazer o público-alvo e, portanto, tem de mudar elementos locais, ou seja, elementos estranhos, ligados a uma cultura. Se o tradutor não satisfaz as normas da cultura alvo, distancia-se do seu leitor, neste caso é a criança holandesa.

No terceiro capítulo apresentou-se as estratégias de tradução de Andrew Chesterman, que são subdivididas em 3 níveis; sintático, semântico e pragmático.

Depois de estes capítulos teóricos fez-se uma análise de *O Beijo da Palavrinha* e de *A Chuva Pasmada* e aplicou-se as teorias e estratégias discutidas acima.

Embora estas teorias sejam os métodos preferidos quanto à tradução de livros infantis, é muito complicado combinar a invisibilidade do tradutor, a domesticação e o estilo de Mia Couto ao mesmo tempo. A combinação destes aspetos cria problemas e dilemas que o tradutor pode encontrar. Além disso há aspetos não-linguísticos, mas estéticos, como se mostrou na análise de *O Beijo da Palavrinha*, que dificultam a tradução, até a tornam impossível.

O mais importante que se pode concluir deste trabalho, é que as mudanças semânticas e pragmáticas são as mudanças mais importantes para traduzir um livro infantil de Mia Couto. Por meio destas estratégias pode-se atingir a domesticação de um texto.

A domesticação por meio de uma estratégia sintática é feita quando se usa por exemplo uma tradução literal, como aplicada ao substantivo *os Samvura*. Mantém-se esta forma da palavra na língua holandesa também, porque a ortografia de *Samvura* é aceitável no TA.

Atinge-se a domesticação de um texto por meio de uma estratégia semântica, quando o tradutor encontra uma palavra inventada, como *grãonizo*, uma derivação de *grão* e *granizo*. Para não se afastar do público-alvo, o tradutor tem de inventar um equivalente que será compreendido pela criança holandesa.

O terceiro nível de estratégias, o nível pragmático, é aplicado aos aspetos culturais, por exemplo *mandioca* e *cabaça*. Estes são exemplos do vocabulário de uso corrente em África, mas desconhecido na Holanda. O tradutor tem de usar outras palavras, equivalentes, para domesticar o texto e substituir os elementos africanos por elementos europeus.

Há então vários problemas que podem ser resolvidos por meio de várias estratégias. Isto requer muita atenção e criatividade do tradutor.

Depois da análise de 20 trechos, pode-se concluir que as mudanças semânticas e pragmáticas, baseadas nas teorias de Venuti, Toury e Chesterman, são então as mudanças mais adequadas para traduzir os livros infantis de Mia Couto. Isto afirma mais uma vez a idéia que a tradução destes livros não é apenas um processo linguístico, mas também é um processo cultural.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

Cunha, Celso e Lindley Cintra. *Nova Gramática Do Português Contemporâneo*. Edições João Sá Da Costa, LDA, 2005, Lisboa. Print.

Coillie, Jan van e Walter P. Verschueren. *Children's Literature in Translation. Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome publishing, 2006. Print

Couto, Mia. *A Chuva Pasmada*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004. Print

Couto, Mia. *O Beijo da Palavrinha*. Alfragide: Editorial Caminho, 2008. Print

Munday, Jeremy. *Introducing Translation Studies. Theories and Applications*. Abingdon & New York: Routledge, 2001. Print

Naaijken, Ton, Cees Koster, Henri Bloemen e Caroline Meijer. *Denken over vertalen. Tekstboek vertaalwetenschap*. Nijmegen: Uitgeverij Vantilt, 2010. Print.

Shavit, Zohar. *Poetics of Children's Literature*. Atenas e Londres: The University of Georgia Press, 1986. Edição eletrónica.

Dicionário da Língua Portuguesa 2010. Porto: Porto Editora, 2009. Print

Artigos:

Shavit, Zohar. "Translation of Children's Literature as a Function of Its Position in the Literary Polysystem." *Poetics Today*. Vol. 2, Nr 4. (1981): pp. 171 – 179.

Nederlandse Samenvatting:

HET VERTALEN VAN DE KINDERBOEKEN VAN MIA COUTO

Door middel van dit bachelor eindwerkstuk wil ik aantonen welke vertaalstrategieën het meest geëigend zijn voor het vertalen van de kinderboeken *O Beijo da Palavrinha* en *A Chuva Pasmada*, beiden geschreven door de Mozambicaanse Mia Couto. Hierbij zal de Portugese taal centraal staan als brontaal en de Nederlandse taal als doeltaal.

Mia Couto staat bekend om zijn fantasierijke taalgebruik en het ontwikkelen en gebruiken van verzonnen woorden binnen de Portugese taal. Daarnaast staat de Afrikaanse cultuur regelmatig centraal in zijn verhalen; een cultuur die behoorlijk verschilt van de Nederlandse cultuur.

Het eindwerkstuk bestaat uit 2 onderdelen. Het eerste deel is een theoretisch deel, waarin men de meest essentiële vertaalstrategie, de *domestication* van Lawrence Venuti, aanhaalt, welke verderop wordt ondersteund door de normentheory van Gideon Toury. Toury beschrijft hoe de vertaler een shift teweeg kan brengen door het vervangen van culturele elementen. Om een tekst te domesticeren zullen de – in dit geval Mozambicaanse – culturele elementen moeten worden vervangen door Nederlandse culturele elementen, om het Nederlandse kind niet te laten vervreemden van de doeltekst.

Daarnaast zal men een kort overzicht van de 30 vertaalstrategieën van Andrew Chesterman vinden, welke zijn ingedeeld in syntactische, semantische en pragmatische strategieën.

In het tweede deel worden deze strategieën van Chesterman in de praktijk gebracht, door deze toe te passen op verschillende problematische passages uit de boeken *O Beijo da Palavrinha* en *A Chuva Pasmada*, beiden geschreven door Mia Couto. Zo worden onder andere spreekwoorden, cultuurgebonden verschijnselen, rijmpjes en verzonnen woorden onder de loep genomen en wordt er gezocht naar de beste vertaaloplossing binnen de strategieën van Andrew Chesterman. Allen zullen op een domesticerende manier worden uitgevoerd. Uiteindelijk zal er een oplossing, een vertaling, in het Nederlands worden gegeven. De 20 gekozen passages of mogelijke vertaalproblemen worden hierna nogmaals eens opgesomd met de geëigende vertaalstrategie, of meerdere vertaalstrategieën. Op deze manier is het mogelijk om aan te tonen welke strategie wordt toegepast op een bepaald vertaalprobleem. Hieruit zal uiteindelijk blijken hoe de vertaling van een kinderboek van Mia Couto mogelijk aangepakt kan worden.

De conclusie is dat vooral de semantische en pragmatische vertaalstrategieën van Chesterman een aanzienlijk grote rol spelen binnen de vertaling van het Portugees naar het Nederlands. Niet alleen de talen komen vaak niet overeen, ook de culturele verschillen tussen een Afrikaans en een Europees land verschillen aanzienlijk. Vaak krijgen cultuurgebonden woorden als cabaça (kalebas) en mandioca (cassave) in het Nederlands een cultuurgebonden vervanger en moet de vertaler taalgebonden uitdrukkingen en spreekwoorden op een creatieve manier zien te vervangen door een equivalente uitdrukking.

Hieruit blijkt dat het vertaalproces niet alleen een talig en linguïstisch proces is, maar daarnaast ook grotendeels een cultureel proces is.